

MULHERIDADES

TRANS

**Transcrição da mesa redonda sobre o tema,
promovida e realizada pela ADunicamp**

MULHERIDADES TRANS

**Transcrição da mesa redonda sobre o tema,
promovida e realizada pela ADunicamp**

ADunicamp

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Juan Droguet
Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Thelma Lessa
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2024 ADunicamp

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N928m

Mulheridades trans [recurso eletrônico]/ ADunicamp. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2024.

recurso digital.

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

"Transcrição da mesa redonda sobre o tema, promovida e realizada pela ADunicamp"

ISBN 978-85-462-2728-0 (recurso eletrônico)

1. Ciências sociais. 2. Identidade de gênero - Aspectos sociais - Congressos. 3. Transexuais - Movimentos sociais - Congressos. 4. Minorias sexuais - Aspectos sociais - Congressos. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

24-92190

CDD: 306.76

CDU: 316.346.2-055.3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

SUMÁRIO

PREFÁCIO: SOBRE MULHERES, TRANSFOBIA E DIREITOS	5
INTRODUÇÃO: NO MÊS DA MULHER, A IMPORTÂNCIA DE DAR VISIBILIDADE AOS CORPOS TRANS	7
CAPÍTULO I – DEPOIMENTO DE SARA YORK	9
CAPÍTULO II – DEPOIMENTO DE LUARA SOUZA	17
CAPÍTULO III – DEPOIMENTO DE ELISA MURGEL	21

PREFÁCIO: SOBRE MULHERES, TRANSFOBIA E DIREITOS

Diama Bhadra Vale¹

O feminismo defende uma convivência coletiva que não limite o pleno desenvolvimento da mulher em suas dimensões econômica, social e afetiva. Historicamente, a sociedade ocidental se constituiu de maneira patriarcal, racista e hétero-cis-normativa. A manutenção dessa estrutura se sustenta no domínio sobre os corpos femininos. O machismo tornou-se a voz atenuada do modelo de opressão patriarcal. A misoginia é a expressão de sua agressividade, por sua vez vinculada a uma identidade masculina que não suporta o rancor, a repulsa e a aversão que a figura feminina lhe provoca.

Para que a sociedade brasileira avance na proteção dos direitos das mulheres, é urgente considerar a diversidade dos sujeitos que habitam no feminino. São mulheres pretas, migrantes, mulheres do campo e das florestas, mulheres deficientes, e, também, as mulheres travestis e transexuais. Estes últimos sujeitos acumulam dores e processos históricos de exclusão que são traduzidos em empobrecimento, isolamento social, adoecimento físico e mental, e morte precoce, com potenciais de anos de vida perdidos.

Pela manipulação dos mais terríveis preconceitos, esses sujeitos tornaram-se a expressão do que é mais abjeto no pensamento machista: o asco ao corpo que não corresponde à sua função biológica e social. Como justificar a superioridade masculina e ao mesmo tempo admitir um corpo portador de falo que rejeita essa identidade masculina? E para além disso, um corpo que elege a identidade feminina como sua expressão. É um ato revolucionário de insubordinação ao reconhecimento do papel masculino na sociedade. A repulsa, a aversão e a violência ao feminino atingem nesses corpos

1. Docente do Departamento de Tocoginecologia da Unicamp e Diretora da ADunicamp (Gestão 2022-2024).

o seu ápice. Compreender a transfobia é o próximo desafio para a evolução do pensamento e enfrentamento da luta feminista.

A defesa dos direitos das mulheres pressupõe a implementação e efetivação de um aparato legal que garanta sua segurança e amparo social, para possibilitar aos sujeitos femininos, em todas as suas expressões, o desenvolver em plenitude das suas potencialidades numa sociedade justa, solidária, plural e sustentável.

Espera-se dos corpos masculinos a prática do afeto e do cuidado nas suas relações. A identidade masculina precisa ser exercida sem que outras expressões sejam subjugadas.

INTRODUÇÃO: NO MÊS DA MULHER, A IMPORTÂNCIA DE DAR VISIBILIDADE AOS CORPOS TRANS

Maria José Mesquita²

A Diretoria da Associação de Docentes Unicamp (ADunicamp) escolheu o mês de março de 2023 (Mês da Mulher) para dar visibilidade à travestilidade e à cultura travesti, com suas maneiras de existir e de resistir neste mundo discriminatório. No contexto transfóbico em que vivemos, em que os corpos trans estão sempre expostos e em perigo, é muito importante dar visibilidade a estas experiências.

O presente *ebook* apresenta as falas de Sara York, Elisa Murgel e Luara Souza, na mesa redonda *Mulheridades Trans*, que ocorreu no dia 15 de março de 2023 no Auditório da ADunicamp. Nas discussões que ocorreram, Sara, Elisa e Luara apresentaram suas experiências e vivências, numa fala dramática e poética, ao mesmo tempo carregada de urgência, pois a transfobia está aí, nas ruas. A mesa foi mediada pela Diama Bhadra Vale e por mim, ambas diretoras da ADunicamp.

Sara Wagner York é graduada em Letras e Jornalismo, doutoranda e mestra em Educação, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e especialista em Gênero e Sexualidades e especialista em Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar. Sara é considerada a primeira âncora trans do jornalismo brasileiro através da mídia TV Brasil 247. Recebeu em 2017 a Medalha Alumni da Universidade Estácio de Sá como Articuladora da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e da Rede Campanha Pelo Direito à Educação. É membra cofundadora da Câmara de Implementação de Políticas Afirmativas Antirracistas e Interseccionais (CIPAAI) da Uerj (mais informações em <https://bit.ly/3VjkS8F>).

2. Geóloga e professora do Instituto de Geociências e Diretora da ADunicamp (Gestão 2022-2024).

Elisa Murgel é Engenheira Mecânica (1983) e Mestre em Engenharia Sanitária (1991) pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Obteve especialização em poluição atmosférica e sonora. Trabalhou na Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), e, desde 1987, atua em consultoria autônoma, realizando diversos trabalhos em Engenharia Ambiental para empresas e instituições do Brasil e exterior. Desde 2013, dedica-se, paralelamente, à fotografia artística, já tendo participado de diversas exposições – coletivas e individuais – conseguido prêmios em exposições de artes visuais. Através da arte, expressou a sua essência feminina, tendo finalmente, aos 58 anos de idade, decidido seguir a sua transição de gênero, passando finalmente a viver como a mulher que sempre foi. Vem conquistando – e vivendo – sua nova identidade, encontrando assim o caminho de sua felicidade.

Luara Souza ingressou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2021 no Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFis), para as(os) melhores estudantes de escola pública de Campinas/SP. Ingressou no Curso de Ciências Sociais, em 2023. É membra do Diretório Central de Estudantes da Unicamp (DCE) e do Ateliê TRANSmoras. Luara é cofundadora do primeiro Núcleo de Consciência Trans da Unicamp (NCT). Além disso, desenvolveu a arte visual para o livro de Camila Sosa Villada, *O Parque das Irmãs Magníficas*.

Este *ebook* traz o compromisso desta Diretoria da ADunicamp de trazer o debate sobre as lutas de setores invisibilizados de nossa sociedade, procurando dar voz a quem dela precisa. Espero que Sara, Elisa e Luara as(os) emocione e faça pensar.

CAPÍTULO I - DEPOIMENTO DE SARA YORK

Sara Wagner York

Antes de mais nada, agradeço o convite do Sindicato, da ADunicamp. Agora, estou atenta aos sindicatos e quero ressaltar a importância desse convite, proposto não apenas por alunos, mas também pelo sindicato das docentes.

Percebo que algumas questões farão grande diferença em nossa jornada. Portanto, expresso minha gratidão a todos os professores que compõem o sindicato de professores da Unicamp, aos que compareceram presencialmente e aos que estão acompanhando online. As cadeiras deste auditório não estão vazias, o que é significativo para nós. Ter dados numéricos sobre o engajamento daqueles interessados em nossa pauta é muito importante.

Juntas, somos mais fortes!

É uma honra estar com essas duas parceiras que significam muito para todas nós. Onde há uma trans, uma travesti, um corpo trans, sabemos que ali há luta. Esta luta, muitas vezes, se dá pelos processos de pedagogização dos espaços. Antes de eu chegar aqui e ser tratada com o respeito que tenho recebido, algumas travestis não foram tratadas com o devido respeito. Foram elas que pedagogizaram esse espaço. Portanto, meu muito obrigado a todas elas, às trans que vieram antes e fizeram essa pedagogia tão difícil, tão complicada que é a do “toma lá e nunca o dá cá”.

Quero agradecer à audiência privilegiada das parceiras que vieram, mas sobretudo à minha amiga Beatriz Pagliarini, que está aqui e que é uma referência para todas nós em todo o Brasil, com suas pesquisas inovadoras e questões que atravessam tantos de nossos diálogos. Graças a você, Bia, percebemos coisas tão novas e importantes que você tem pesquisado. Mesmo sendo mais velha que você, reconheço que você já fez muito e continua fazendo por todas nós.

A pedagogização dos espaços é um conceito fundamental na área da educação e tem implicações significativas em diversos contextos. Quando uma pessoa trans acessa um espaço, injustamente, na grande maioria das vezes, é ela quem tem feito o letramento mínimo de atenção para com todas as demais. Vamos explorar sua importância:

- **Inclusão e Acessibilidade:** Pedagogizar os espaços significa torná-los mais inclusivos e acessíveis para todas. Isso envolve adaptar ambientes físicos e virtuais para atender às necessidades de diferentes grupos, como pessoas com deficiência, minorias étnicas, gêneros diversos e outras identidades.

Ao pedagogizar um espaço, consideramos como ele pode promover a igualdade de oportunidades e garantir que todos tenham acesso aos recursos educacionais.

- **Transformação Social:** Espaços pedagogizados podem ser agentes de transformação social. Eles desafiam normas e preconceitos, promovendo a conscientização e a mudança. Por exemplo, ao incluir representações diversas em materiais didáticos, estamos pedagogizando o currículo e contribuindo para uma sociedade mais justa onde o corpo trans/travesti não seja a exceção.

- **Empoderamento e Participação Ativa:** A pedagogização dos espaços capacita os indivíduos a se tornarem participantes ativos em suas próprias experiências de aprendizado. Quando os espaços são projetados para envolver os alunos, eles se sentem mais empoderados e motivados a aprender.

- **Desconstrução de Hierarquias:** Espaços pedagogizados desafiam hierarquias tradicionais. Eles não são apenas locais de transmissão de conhecimento, mas também de diálogo, colaboração e cocriação. Ao questionar estruturas de poder, podemos criar espaços mais democráticos e igualitários.

- **Reflexão Crítica:** A pedagogização dos espaços incentiva a reflexão crítica sobre como o ambiente afeta o aprendizado. Isso nos leva a questionar práticas estabelecidas e a buscar alternativas mais eficazes.

Ou seja, a pedagogização dos espaços é essencial para promover uma educação mais inclusiva, transformadora e significativa. Ela

nos convida a repensar nossas abordagens e a criar ambientes que valorizem as diferenças e o potencial de cada indivíduo.

Ciberespaços e Ciberfeminismos (2022) é uma obra que articula gênero, sexualidades e cibercultura, que escrevi enquanto professora, ativista LBGTI+, formadora de atores, linguista, tradutora, pedagoga, jornalista e pesquisadora. O livro traz narrativas de mulheres durante a pandemia de covid-19. Como “academicativista” que explora temas complexos como religião, sexualidades, infância, educação e cotidiano, cada vez mais me volto a pesquisa sobre a diferença.

Encontram-se os seguintes textos neste livro:

- Uma travesti da/na educação: Um artigo publicado na Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, abordando questões educacionais e de identidade trans.

- Eu sou o monstro que vos fala: Um ensaio publicado nos Cadernos PET-Filosofia (UFPR), explorando temas profundos.

- Sistema ou CIS-tema de justiça: Um estudo sobre os direitos fundamentais das pessoas trans.

- Gramáticas do Capacitismo: Diálogos sobre deficiência, gênero, infância e adolescência.

- Linguagem inclusiva de gênero na educação: Uma análise relevante.

- Dispositivos ciberfeministas no Instagram: Explorando auto-rias educativas em contexto de Covid-19.

- Injustiça algorítmica: alterações na máquina: Um olhar crítico sobre algoritmos e justiça.

- Tessituras sobre o seminário internacional - gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia - interseccionalidades em (re) existências?: uma reflexão sobre interseccionalidade.

- Pedagogias em disputa: Uma entrevista com Denize Sepulveda.

- From ‘outsider within’ to ‘outsider with us’: Um trabalho relevante na área de educação.

Além disso, também lancei o livro *Ciberfeminismos e Cibereducações*: Narrativas de Mulheres durante a Pandemia de Covid-19 (2002), em parceria com Edméa Santos e Terezinha Fernandes. Essa obra aborda a interseção entre feminismo, educação e cibercultura.

Nesta obra, especificamente, discuto como alguns desses conceitos e contextos são produzidos. O livro está disponível gratuitamente como um *e-book* pela EDUFBA (Editora da Universidade Federal da Bahia). Uma das frases mais marcantes é que muitas vezes são os conteúdos aparentemente insignificantes que explicam uma era. Portanto, tudo o que podemos considerar trivial na verdade lança luz sobre o próprio período que estamos discutindo.

É por isso que talvez um auditório como este tenha tanto significado. Da mesma forma, as visualizações no *YouTube* podem revelar muito sobre nossas próprias criações. Encontramo-nos dentro de uma estrutura, um capitalismo que agora, mais do que nunca, dialoga com frentes conservadoras, tentando capturar ou apreender nossas possibilidades subjetivas. Ancorando nossos desejos.

O que isso significa? Se eu puder dominar o seu desejo, posso controlá-lo e vender-lhe coisas, ou talvez “empurrar” coisas que considero úteis para você. Estamos bem cientes da história capitalista da produção e, quando exploramos isso a partir das perspectivas da subjetividade ou (des)subjetivação – usando diversos termos – podemos discutir desde a captura de nossos desejos até a captura de nossa própria tolice. Alguns de nós, de fato, têm sido enredados por nossas próprias tolices, não é mesmo? Se, de fato, esse conceito tem uma forma plural – não tenho certeza, mas acredito que sim.

Quando estávamos produzindo o livro, uma das questões centrais era dialogar com o feminismo que se desenvolveu ao longo do último século. Esse feminismo tem raízes nas sufragistas e se manifestou em diversos movimentos, incluindo o movimento das mulheres negras, especialmente no Brasil a partir da segunda metade do século. Chegamos ao ponto de repensar o que significa “tornar-se mulher”. E a pergunta lógica que surge é: o que é ser mulher em 2023? O que define o sexo? O que é sexo biológico? E o que é gênero? Qual é a expressão de gênero? Como podemos afirmar que as duas pessoas ao meu lado são mulheres, enquanto as outras duas nas extremidades talvez não sejam?

Essas questões se tornaram centrais para os corpos que coexistem conosco, e passaram a ser o foco das discussões. Costumo dizer que nascemos todos sem roupas, e a partir daí, tudo o mais é uma construção, uma performance, uma expressão. Portanto,

todo o resto é, de certa forma, “travesti”. Essa reflexão nos leva a questionar e desconstruir as normas e categorias que moldam nossa compreensão do que é ser mulher ou homem. É um convite para explorar a diversidade e a complexidade das identidades de gênero, reconhecendo que elas vão além de uma simples dicotomia.

A reflexão sobre as tecnologias de gênero, conforme abordada por Gayle Rubin, é fundamental para compreender como a sociedade atribui significados e qualificações com base em características de gênero. Quando uma pessoa utiliza uma determinada tecnologia de gênero para se qualificar dentro de uma agência, ela está moldando sua própria identidade e como é percebida pela sociedade.

Considere o exemplo do cabelo azul de uma mulher. A pergunta que surge é: é apenas uma mulher com cabelo azul ou algo mais? Essa questão revela como as tecnologias de gênero, como a aparência física, influenciam nossa percepção e classificação das pessoas.

É importante notar que a pesquisa sobre tecnologias de gênero varia dependendo de quem a conduz. A diferença entre pesquisadores cisgêneros heterossexuais e pesquisadoras lésbicas ou mulheres trans é significativa. Um exemplo disso é o estudo dos primatas. Inicialmente, os primatas eram estudados predominantemente por homens, que observaram um gorila dominante como o “macho alfa”, o mais esperto do grupo.

No entanto, com a inclusão de mulheres em grupos de pesquisa, especialmente no contexto das teóricas “sapatãs” e lésbicas, novas percepções surgiram. As fêmeas demonstraram ser mais inteligentes, inclusive na negociação de sexo para obter comida e proteção. Essas descobertas desafiam a visão tradicional de hierarquia de gênero.

Além disso, os Dossiês que demonstram a violência, entregues à Organização Pan-Americana de Saúde e à Organização Mundial de Saúde (OPAS), revelam uma realidade alarmante: o Brasil é o país que mais mata a população trans. Essa informação é crucial, mas também é essencial saber quem produz esses dados. A conscientização e a responsabilidade compartilhada são passos importantes para enfrentar essa triste estatística.

Em resumo, a reflexão sobre tecnologias de gênero nos leva a questionar e desconstruir normas, buscando uma sociedade mais justa e igualitária para todas as identidades de gênero.

E são várias formas como essas mortes acontecem, as mortes violentas somaram 151 em 2023. Se contarmos com suicídios ou suicidados os números serão ainda mais explosivos e isso é justificado pelo ódio!

A violência contra pessoas trans no Brasil é uma realidade alarmante e trágica. Dados recentes revelam a gravidade dessa situação.

Em 2022, 131 pessoas trans foram assassinadas no Brasil, de acordo com um levantamento realizado pelas instituições que divulgam os dados morte. Além disso, 20 pessoas tiraram a própria vida devido à discriminação e ao preconceito presentes na sociedade brasileira. Dos casos de assassinato, 65% foram motivados por crimes de ódio, com requinte de crueldade, e 72% dos suspeitos não tinham vínculo com as vítimas. A identidade de gênero é um fator determinante para essa violência.

No primeiro semestre de 2023, 89 pessoas transgênero foram assassinadas no Brasil, superando em 39% o número registrado no mesmo período de 2019.

Em 2020, o Brasil registrou 175 assassinatos de pessoas transexuais, o que equivale a uma morte a cada 2 dias. Todas as vítimas eram mulheres trans/travestis, em sua maioria negras, pobres e trabalhavam como prostitutas nas ruas.

Essa violência é inaceitável e exige ações urgentes para mudar essa realidade. A existência de instituições e grupos comprometidos com o monitoramento e a proteção das pessoas trans é fundamental para enfrentar esse problema. Precisamos continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as pessoas possam viver sem medo e com dignidade.

Bom, dito isso, vou fechar, tentar finalizar essa questão de quando a gente foi observar os feminismos excludentes ou o modo como isso era produzido. Algumas questões foram postas para que a gente pudesse fazer uma correlação. Então surgiram perguntas, como quem sofre assédio sexual e moral nos ambientes de trabalho, mulheres trans ou mulheres cis? As duas. Quem sofre violência em decorrência do gê-

nero, mulheres trans ou mulheres cis? Podem ser vítimas de violência obstétrica mulheres trans ou mulheres cis? Existem alguns endereçamentos que a gente sabe que são próprios de quem pratica uma violência muito específica contra pessoas que dependem de ginecologistas, obstetras e por aí vai. Grupos muito específicos. Mas, de um modo geral, as violências contra pessoas trans eram intensas e eram sempre em mesmo grau. E levadas a cabo a pessoas trans, à mulheres cis, a ponto de termos caso de transfobia contra mulheres cisgênero.

Imagine que no Rio de Janeiro, esse ano, nós tivemos uma mulher trans que foi retirada do banheiro. E isso virou uma manchete. A escola de Samba Unidos do Viradouro fez uma retratação pública e se comprometeu a fazer uma formação com todos os seus grupos internos. A pessoa que passou pelo constrangimento, uma travesti, foi homenageada pela escola, veio à frente da escola. Foi muito bonito, eu estava lá presenciando e foi um dos momentos que eu não sabia se eu ria ou se eu chorava, coisa que eu faço mesmo: rir e chorar ao mesmo tempo. É bem Sara York.

Mas, o que muita gente não sabe nessa história é, naquele dia, no momento em que foi barrada, tinha uma mulher acompanhando-a. Antes, ela entrou por várias vezes no banheiro feminino. Essa travesti, essa mulher trans, branca, ela entrou antes várias vezes no banheiro e em nenhuma das vezes foi barrada. Ali, pela décima vez, ela foi entrar e estava acompanhada pela mulher preta chamada Preta Lu, uma figura conhecida na cidade de Niterói. E foi nesta hora que ela foi barrada.

Uma mulher cis que teve sua genitália apalpada por ser confundida com uma travesti!

Na frase “uma mulher cis que teve sua genitália apalpada por ser confundida com uma travesti”, podemos identificar **diversos níveis de violência simbólica**. Vamos analisá-los:

- **Identidade de Gênero e Normas Sociais:** A frase implica que a mulher cis foi confundida com uma travesti, o que sugere que a travesti é vista como algo fora do padrão ou anormal. Isso reflete a imposição de normas sociais rígidas sobre identidade de gênero, marginalizando a experiência da travesti.

- **Objetificação e Invasão do Corpo:** A expressão “genitália apalpada” denota uma invasão física e uma objetificação do corpo da

mulher cis. Isso perpetua a ideia de que os corpos das mulheres (cis ou trans) estão disponíveis para serem tocados sem consentimento.

- **Estigmatização e Preconceito:** A frase sugere que ser confundida com uma travesti é algo negativo ou embaraçoso. Isso reforça estereótipos e preconceitos contra pessoas trans, contribuindo para a estigmatização.

- **Naturalização da Violência:** Ao usar a palavra “por”, a frase parece naturalizar a violência, como se fosse uma consequência inevitável da situação. Isso minimiza a gravidade do ato e perpetua a cultura de violência.

A estrutura a nós imposta carrega muitos níveis de **violência simbólica** não apenas ao reforçar normas de gênero, objetificar corpos e estigmatizar identidades trans, mas por não as visibilizar ao grande público. É importante reconhecer esses níveis de violência e trabalhar para desafiá-los, promovendo uma sociedade menos injusta e respeitosa.

Ela era uma mulher cis, mas também era preta. Sabe, daquelas pretas que são tipo “preta traveção”, assim como eu. Ela falava alto, gesticulava muito e tinha cílios marcantes. Além disso, era ótima de conversa!

Conforme observávamos as estruturas de exclusão, percebemos que não se limitavam apenas à identidade de gênero, mas também à expressão de gênero. A falta de definição clara nesse aspecto colocava em xeque a existência de algumas pessoas.

Encerro por aqui, mas continuaremos nossa conversa em breve.

Acredito que ainda temos muito a discutir.

Vou passar a palavra para minhas amigas.

Agradeço a todos vocês.

As cadeiras vazias representam as pessoas que estão conscientes de justiça social e comprometidas com o próximo. Já as cadeiras ocupadas simbolizam aquelas das quais temos muito orgulho por existirem neste mundo. Elas abraçam, mesmo quando podiam atirar pedras. Algumas pessoas escolheram ser “vida” onde poderia haver apenas “asfalto”.

Muito obrigada!

CAPÍTULO II - DEPOIMENTO DE LUARA SOUZA

Luara Souza

Agora fica até complicado eu falar depois dessa grande pessoa icônica! Mas vamos lá: gente, primeiro, eu gostaria de agradecer o espaço que foi cedido, agradecer à ADunicamp, os convites da Rose e da Mazé. A ADunicamp também tem se mostrado muito próxima do movimento trans, apoiando diretamente. Prova disso, vou até divulgar agora mesmo, dia 23 a gente vai ter um evento aqui, que é a Slamball e que conta com a participação de diversas artistas, que vêm de São Paulo e também da região de Campinas. Artistas que celebram a vida através de um movimento que é chamado Ball, Ballroom, uma cultura de dança, de performances e, também, de celebração da vida.

Como a minha colega já mostrou aqui, os dados têm nos mostrado muito próximos da marginalidade, da realidade para pessoas trans. E a ADunicamp dispôs deste espaço, de diversas ajudas para a gente fazer esse evento acontecer.

Mas, enfim: sou a Luara, tenho 22 anos, faço Ciências Sociais aqui na Unicamp. Faço parte do DCE e, também, fundei, junto com outras colegas de luta, o Núcleo de Consciência Trans. Queria agradecer, inclusive a quem está presente aqui, que faz parte do *Núcleo de Consciência Trans*, a Irá, que está aí, a Rafa também, a Vicenta. A Agnes saiu, mas vai entrar de novo (*risos*).

E queria agradecer, assim, a essa potência dessa fala que acabamos de ouvir. Foi uma coisa que me contemplou muito. Me fez lembrar que a gente, hoje, estava conversando ali atrás sobre o livro da Camila Souza, o *Parque das Irmãs Magníficas*. E eu recebi um convite, por meio do nosso ateliê, para fazer uma ilustração, desse livro. E foi um processo muito bacana, dessa minha transição, de dentro para fora, de encontro com o meu “eu” novamente. Re-

tomar a transição, retomar o que possivelmente seria o feminino dentro de mim. O livro conta a história de uma casa de pessoas trans, travestis. Uma casa de acolhimento, uma casa de amigas, irmãs, parentes, pessoas trans e travestis que moravam nessa casa. E que também compartilhavam das dores e dos prazeres da vida, sendo pessoas trans. Esse livro traz a realidade muito comum em que a população trans tem se envolvido. 90%, praticamente, está envolvida com a prostituição, essa é uma situação muito comum.

Então eu voltei muito nesse espaço de como que veio essa feminilidade, como que foi o desabrochar desse espaço também, do feminino. E isso me fez lembrar todos os tipos de relações próximas que esse livro trouxe, de envolvimento, de encontros, sempre com as pessoas próximas do meu dia a dia. Eu penso muito sobre o Quilombo Travesti, que é uma tecnologia, né, muito comum. Que é esse espaço de gentes, de pessoas trans, pretas, indígenas, conseguirem se encontrar para trazer novas possibilidades de vida. Então eu trago aqui pessoas do Ateliê TransMoras, que foram pessoas que me ajudaram muito nesse processo. Foi um espaço de aquilombamento.

Esse espaço teve uma importância muito grande, desde o começo da minha transição até o meu ingresso na Unicamp. E agradeço muito a Vicenta Perrotta, que está aqui presente, a estilista fundadora do Ateliê TransMoras, que faz esse trabalho de acolhimento para pessoas trans, travestis, através da arte. E, também, do design do *upcycling*, que representa muito para nós, no nosso estado atual, de como que nossa população se encontra. Acredito que, de repente, o *upcycling* traz do lixo a possibilidade de retomar o que poderia ser útil, e o que pode circular nos espaços. Então a gente começa a ver assim, a figura travesti vestida com esses corpos, com esses retalhos, com esses acessórios feitos pelo ateliê, pela Vicenta, enfim, como um espaço de vida, mais uma vez. Tanto do lixo quanto também do corpo trans, que é sempre jogado à margem.

E queria agradecer a minha amiga Rafa que também está aqui presente, a Rafa Kennedy. Ela é uma fotógrafa, indígena, minha amiga incrível, que também contribuiu muito para esse espaço de construção

do que seria possível da travestilidade. E, junto com ela, que também estão aqui, agradecer muito ao meu amigo Xirê, dos orixás, a pretinha... e a Diuvás, que são duas travestis que residem e resistem aqui em Barão Geraldo. São dois corpos pretos, travestis. Elas são mães de Santo do Cheirei Axé dos Orixás. E, também, trabalham com catação de materiais para reciclagem. São as minhas grandes referências dentro desse espaço em que eu consegui chegar até esse momento.

Ainda, por mais que pareça muito pouco, para mim significa muito, muito, muito mesmo. Foi o que me possibilitou não estar morta hoje, foi o que me possibilitou, estar conseguindo agora elaborar o Núcleo de Consciência Trans. Estar conseguindo criar relações com outras potências, como também o Antra, que tem trazido outros tipos de dados para a gente, que tem se empenhado com esse trabalho sério, esse trabalho rígido. E é isso!

Voltando ao livro da Camila de Souza: essa relação do livro com os elementos que me fazem aproximar do feminino. Trata nessas relações comuns do dia a dia, né. Desde uma conversa de bar ou um dia em que a gente tenta se aquilombar, depois de alguma tentativa de suicídio, depois de alguma tentativa de esgrachação dentro da sociedade, de alguma violência, seja ela micro ou macro, institucional ou direta. E isso é uma coisa que, se a gente não tem esses quilombos, a gente rapidamente, se deixa perder, se deixa esquecer da possibilidade do que a vida poderia ser – e que ela é, e que ela tem que ser.

Então, acredito muito nessa potência do que o feminino vai me trazer, assim também o feminismo atual, de aceitar corpos que possam falar sobre si dentro desse espaço. Tanto da saúde como da educação, tanto da moradia e, também, em todos esses espaços em que a gente pode e tem que estar presente. E que a gente precisa. São corpos de útero, são corpos sem útero, são corpos abortistas, são corpos que não são abortistas, que também podem se considerar femininos ou não. E, dentro disso, podem somar também com essa luta feminina. Então, a gente do Núcleo de Consciência Trans tem feito esse acolhimento de receber pessoas trans da Unicamp tentarmos conseguir modificar a realidade da universidade. E a

gente pretende alcançar a política de cotas para a graduação da população trans na Unicamp. E é uma luta que a gente não vai cessar. A gente tem tentado se unir com outros movimentos, tem tentado se juntar com diversas pessoas aliadas à causa de pessoas trans. Por isso, agradeço inclusive a ADunicamp, os professores e professoras que nos convidam e nos ajudam também nesse processo. Nossa, gente, eu realmente estou meio baqueada porque eu saí hoje bem de manhãzinha e eu estou um pouco nervosa também. Mas agradeço muito assim a esse espaço da ADunicamp e as pessoas que têm nos aquilombado, as que vieram antes de mim também.

Eu acho que atualmente minha posição é mais de ouvir do que de falar. Pensando que outros corpos que passaram por esse espaço ainda estão produzindo, estão trazendo a gente agora, mais do que nunca, a esses espaços, como a ADunicamp, como a Unicamp. Enfim, a gente está construindo essa relação. E sou muito grata mesmo. Na verdade, só tenho que ser grata.

Após o encerramento da fala de Luara Souza, Sara York disse estar “muito emocionada” e pediu novamente a palavra:

Sara Wagner York – *Você sabe por que é difícil falar? Porque tem corpo que passa por um processo de higienização dentro da academia, para poder ficar bom e falar; e tem outro que até calado ele fala, ele grita. E você talvez seja uma dessas pessoas. Que fala até com seu silêncio. Fala tudo o que a gente quer ouvir. Porque a gente lutou tanto para isso, né, a gente sonhou tanto que você pudesse estar aqui falando sobre isso. Era só para você estar falando sobre outras tantas coisas. Que bom que você está gritando. Lindo, emocionante!*

CAPÍTULO III - DEPOIMENTO DE ELISA MURGEL

Elisa Murgel

Eu sou Elisa Murgel e, antes de mais nada, quero agradecer à Associação de Docentes da Unicamp por esse convite, por essa oportunidade de estar aqui.

E agradecer especialmente pelo meu pedido de falar depois dessas duas mulheres maravilhosas que estão aqui, ao meu lado. Porque eu não tenho a vivência, a experiência acadêmica da Sara com as questões sociais, sociológicas e, especificamente de gênero. E apesar de ter quase o triplo da idade daquela menina linda que está ali (*apontando para Luara*) eu também não tenho a quarta parte da experiência que ela tem de vivência transgênero.

Eu acho que o que eu tenho para colocar é a minha história, que foge um pouco do normalmente divulgado, mas não é uma história rara. É uma história que eu sei que é muito comum, mas que não aparece, que as pessoas em geral não conhecem. Ficamos escondidas.

E aí entra o interesse de todas e todos, e é por isso que estamos aqui, nessa mesa redonda que na verdade é comprida, né (*Risos. E olhando para os lados, na mesa*). Bem comprida, aliás, nada de redonda! Acho até que teve uma fraude no convite, hein! Eu fui convidada para a mesa redonda e me botaram aqui nessa mesa comprida, assim não dá nem para enxergar quem está lá na ponta né (*Mais risos*).

Mas, enfim, o objetivo disso, de eventos como esse e tantos outros dos quais a sala que está aqui participa quase diariamente, é justamente o de abrir espaço e lutar contra o preconceito. E o que é o preconceito? É o conceito prévio, é o conceito que existe na cabeça das pessoas antes de conhecer, antes de entrar fundo, antes de se inteirar a respeito de um assunto. Então são ideias que vêm, mas que não são necessariamente corretas. E são, por isso, preconceituosas, porque elas não têm uma base nos fatos.

Pois bem: eu nasci em 1961. Assim como a Mazé, que está aqui ao meu lado, somos filhas da ditadura. Crescemos numa época de censura, de falta de comunicação. De controle da informação. Nem se sonhava com internet, não existia nem computador. Nasci numa família de classe média, tradicional, conservadora, de direita. Tive uma vida dentro da bolha da classe média brasileira. Colégios tradicionais... terminei o colégio e já entrei na escola de engenharia, na escola Politécnica da USP.

Fiz meu curso de engenharia e fui trabalhar na área ambiental. E aí já era uma grande transgressão. Porque em 1983 alguém trabalhando em área ambiental já era uma coisa nem um pouco comum. E foi aí que eu botei minha carreira. E, felizmente, tive bastante sucesso profissional.

E eu estava, como disse a uma sobrinha minha há algum tempo, eu estava no topo da cadeia alimentar. Eu era um homem branco de boa posição socioeconômica, profissional respeitado, consultor internacional. Casado, dois filhos. Tinha uma bela casa, viajava sempre para o exterior e tal. Enfim, aquela vida-modelo da sociedade capitalista de consumo. Tinha tudo certo, só não tinha a minha identidade.

Porque, desde que eu sei que existo, que eu tenho a noção de individualidade como ser humano, coisa que ocorre com dois, três anos de idade, eu sabia que eu era uma menina. Eu tinha um nome, só meu, que era de menina. As pessoas em volta diziam que eu era um menino, mas eu tinha uma irmã três anos mais velha que eu e eu pensava: bom, é porque ela é mais velha, quando chegar na idade dela vem uma fada e me transforma numa menina. Eu vou virar uma menina. Quando eu tinha seis anos de idade, descobri que a fada não vinha. Foi um momento em que comecei a sentir o peso da realidade da vida. Mais ou menos nessa época eu escolhi o meu nome. Eu me chamo Elisa desde aquela época, ninguém sabia. Era um segredo total. E eu vivi escondida.

Mas conheci a história de uma série de mulheres fortes, transgênero, que abriram portas, abriram caminhos, que tiveram muita coragem. Muitas delas pagaram literalmente com a vida. Eu não

tive essa coragem. Eu não consegui largar o conforto, a segurança, a tranquilidade dessa vida burguesa e tranquila. E me guardei.

Me guardei por cinquenta e oito, cinquenta e nove anos, praticamente. Foi quando eu tive um problema sério de saúde. Eu quase morri com uma embolia pulmonar. Foi quando me divorciei. Eu já vinha tratando minha questão e resolvi que eu iria fazer minha transição. E minha esposa, na época, não aceitou, não levou nada bem. Disse que não poderia seguir tendo uma convivência comigo e não nos vimos mais.

Tudo tem um preço. Meus filhos se afastaram de mim. Eles ainda estão assimilando nesses três anos da minha transição. Acredito e entendo que seja uma situação bastante difícil.

E aquela imagem masculina que eu tinha, extremamente masculina, simplesmente guardei. Trouxe, de dentro de mim, as memórias, os sentimentos, e um bocado da minha essência que veio disso tudo. E passei a ter a vida de acordo com a minha identidade, passei a ser uma mulher. Uma mulher comum. Uma mulher que não é ativista política. Mas que tem um papel na sociedade como engenheira, consultora ambiental. Continuo exercendo o mesmo trabalho, no meu escritório.

Sou independente, cuido da minha vida, tenho minha família. Sobrinhos, que eu adoro e que estão comigo. Na verdade, uma família que me adotou, de primos e uma prima que hoje é uma irmã para mim. E fui muito bem acolhida pela sociedade, fui muito bem acolhida no meio profissional.

Se teve alguma diferença do que havia, do engenheiro, consultor de antes para a Elisa, aqui agora, é que com muitas pessoas com quem eu tinha uma relação puramente profissional eu me aproximei mais. Me aproximei porque essas pessoas acompanharam um momento muito íntimo meu. E eu me tornei uma pessoa mais aberta, mais humana, mais próxima de quem está em torno. Porque eu deixei de viver um papel, eu passei a ser eu mesma.

Então, o que eu quero colocar com esse pequeno discurso da minha história é o seguinte: muitas vezes as pessoas falam, como teve um garoto que é deputado, e que andou falando nesses dias, né,

aquele menino foi lá e falou: “Aí o homem resolve ser mulher”. Não resolve. Eu resolvi ser homem, eu resolvi ter uma vida masculina. Eu me casei, formei uma família. Eu tentei, fui casada 37 anos, dentro de uma vida masculina. Eu resolvi ter a vida masculina. Mas eu não sou, nunca fui. Eu sou uma mulher. Não sou um homem. E não foi possível sobreviver. A minha saúde estava acabando. Minha terapeuta disse que eu recuperarei 15 anos depois da transição, e é verdade.

Hoje as pessoas olham para mim, não falam que eu tenho sessenta e dois anos, não, sessenta e um e meio vai, um pouquinho menos. A minha aparência há três anos era de um homem chegando nos seus setenta anos. E eu não tinha sessenta. Então é isso, uma escolha, é a essência.

“Ah, quando que você descobriu que você era a mulher?” Sempre fui. Eu não descobri. Eu nasci assim. Assim como a nossa amiga Diama, que está nessa mesa conosco. Ela nasceu uma mulher, depois se tornou uma médica, uma professora universitária, mas ela nasceu uma mulher. Eu também nasci uma mulher. Só pude exercer há pouco tempo. Agora eu coloquei aqui que a minha transição foi muito tranquila, muito rápida. Há nove meses eu fiz, inclusive, a minha cirurgia de correção de gênero.

Tenho muitos amigos próximos, de amizades que eu fiz agora, muitos amigos que eu resgatei de antigamente, então estou cercada de pessoas queridas perto de mim. E tenho uma vida normal, totalmente comum. Me aceitam aonde vou, entro onde eu quero, faço o que eu quero.

Mas eu comecei a me revoltar. Porque tenho uma posição socioeconômica privilegiada, eu tenho a pele branca, não muito, porque eu moro na praia, eu me queimo, mas as pessoas me reconhecem como uma pessoa branca. Então eu entro num lugar, num comércio, e o atendente me trata bem. Não vai me destrarar, não vai falar, ter alguma atitude preconceituosa, porque é a “Dra. Aí”, né. “É melhor, a gente cuidar bem”... e isso me revoltou.

E eu tomei como um objetivo de vida, meu, o de não esconder a minha história. Eu escrevi um livro biográfico que não foi

editado, mas a quem quiser eu disponibilizo em PDF. Não tem finalidade editorial, comercial. No livro eu conto a minha história, coloco a minha trajetória. Eu lutei, sofri durante cinquenta e oito anos. Hoje me sinto viva, estou feliz. Eu sinto que eu existo, finalmente. Antes, eu não existia, estava guardada lá no fundo.

E por que isso? Porque me despertaram as lutas como da Sara, como da Luara que está começando – eu fico muito feliz de ver uma menina assim de vinte e três anos, que está ali e é uma mulher, é uma moça. Está aqui na universidade, está lutando, e eu pensando: poxa, na minha época de universidade, não existia isso. Quando eu assumi, quando eu fiz minha transição, muitos amigos, colegas, amigos a cinquenta anos, falavam “nossa, Elisa, é maravilhoso estar convivendo com você porque você é a primeira pessoa trans com quem eu convivo, que eu conheço”. E eu respondia: nossa, está muito melhor que eu, porque eu não conheço ninguém. Porque eu vivia dentro de uma bolha total. E eu quero permanecer dentro dessa bolha, mas furando a bolha, mostrando, falando “olha, eu estou aqui dentro”. Essa bolha que nós vivemos, essa elite socioeconômica, cultural, brasileira, branca, e nem sei o que mais.

Hoje estou aqui, nesta sala. Tem muitas pessoas transgênero aqui dentro. Essas grandes batalhadoras estão ajudando a abrir as portas, abrir os caminhos, criar condições. Nós temos duas ilustres deputadas finalmente no Congresso, lutando pelos direitos das pessoas trans. Temos direitos, temos muitos. A gente já pode retificar o nome. E transfobia é crime, por força de lei. Por força de decisões de jurisprudência do Supremo Tribunal Federal. Por isso que, quando alguém fala mal do Supremo, é um arrepio. Eu tenho vontade de dar um tapa na orelha, porque falo “não, se não fosse esse Supremo que está aí eu não poderia me chamar Eliza e ter minha certidão de nascimento, gênero feminino”. Eu devo isso a esse tribunal que está aí, só que isso deveria ser lei. Não deveria ser uma opinião jurídica, deveria ser lei. Felizmente, agora nós temos duas deputadas lá que estão lutando por isso. Então, é importantíssima a luta, a militância, o trabalho, para conquistar e consolidar esses direitos.

Mas isso só não acaba com o preconceito, porque o preconceito é de base, é cultural. O que acaba com o preconceito? Criando o conceito, a gente se mostrando. É a Luara, que está numa faculdade, numa universidade importante como a Unicamp. E com colegas que convivem com ela. Colegas de bancos escolares, de quem ela é uma colega, é uma amiga, mais uma companheira de classe. E que a tratam com naturalidade. E mesmo que, no início, possam ter tido alguma visão preconceituosa, ao longo dos anos, vão criando vínculos, e vão vendo que não somos depravadas sexuais, não somos destruidoras da família. Somos transformadoras, mas não, não queremos destruir o *establishment*, né. Queremos adaptá-lo. Queremos fazer parte da sociedade e não destruir a sociedade. Queremos uma sociedade adaptada para que todas e todos tenham direitos.

Vejo a minha existência, o meu trabalho, a minha colocação com pessoas. Inclusive, tenho amigos que são pessoas super conservadoras, de extrema direita. Um deles que teve um filho e me convidou para ser a madrinha. Me conheceu, me respeitou como ser humano. E reviu os seus conceitos conservadores com relação à pessoa trans. Então eu vejo que o meu papel importante é um trabalho de formiguinha que todas nós temos que ir fazendo, de naturalizar a questão transgênero, a existência das pessoas transgêneras. Somos pessoas comuns. Eu sou uma mulher como qualquer outra.

É isso!

Título Mulheridades Trans: Transcrição da mesa redonda sobre o tema, promovida e realizada pela ADunicamp

Autoria ADunicamp www.adunicamp.org.br

Assistência Editorial Andressa Marques
Tais Rodrigues

Capa e Projeto Gráfico Vanessa Menegatti Fonseca

Preparação Gabriela Negri

Revisão Márcia Santos

Formato 14x21 cm

Número de Páginas 28

Tipografia Adobe Garamond Pro

Papel Alta Alvura Alcalino 75g/m²

1ª Edição Julho de 2024

Caro Leitor,
Esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:
sac@editorialpaco.com.br

 11 98599-3876

Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas.



Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.




Técnicos e Profissionais

Livros para dar suporte à atuação de profissionais das mais diversas áreas.

Envie seu conteúdo para avaliação:

livros@pacoeditorial.com.br

11 4521-6315
 11 95394-0872

www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/

Todo mês novas chamadas são abertas:

www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/

Conheça outros títulos em
www.pacolivros.com.br

PACO  **EDITORIAL**

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100